

A INSSUREIÇÃO DE LOKI DE EDADREBIL

Pedro Henrique Almeida Queiroz*

Séculos atrás, em uma floresta longínqua – cujo clima temperado remonta à atual região da Europa central – um bardo errante, conhecido como Loki, “o sardento amaldiçoado”, um maltrapilho artista sem rumo, vagava com a certeza de um libertador de povos, todavia, sua única certeza era que continuaria viajando, feito um nômade, em busca de novos horizontes, sabedorias e prazeres. Carregava consigo o básico. Era marcante sua grande barba ruiva e seu chapéu que ele mesmo fizera, assim como seu instrumento de cordas – uma espécie de violão rudimentar. Nosso aventureiro mal se lembrava de quando decidiu deixar sua terra nativa para se aventurar, mas vivia contente com sua vida, mesmo passando por várias situações penosas – comuns de uma vida de aventureiro. Nos bosques, sobrevivia a partir de raízes, sementes, ervas, frutos, cogumelos e o quê conseguia caçar com êxito, sobretudo, era um exímio pescador. Nos reinos, que passava quando se sentia à vontade, pedia comida e utensílios que necessitava em troca de suas odes, éclogas, elegias e rimas que improvisava sobre qualquer tema solicitado pelos ouvintes. Já havia passado por muitas comunidades em sua vida, conhecido inúmeras pessoas, experimentado costumes inimagináveis, contudo, nunca profetizaria o perigo que corria ao rumar – seguindo o trajeto diário do sol no céu – para, quiçá, sua aventura mais intensa. Talvez, por obra do destino, seria o fim da jornada do artista mais revolucionário dos labirintos de arvoredos?

Enquanto o sol nascia, Loki já se preparava para continuar sua jornada, afinava seu instrumento e guardava o essencial para continuar vagando. Após se organizar, o bardo buscando orientação no céu, avistou fumaça no horizonte, sabia que era proveniente de um local próximo – conhecimento esse adquirido pela experiência de viajante. No momento, demorou para entender a situação, pois ainda estava sonolento, mas minutos depois percebeu o que ocorria. Decidiu que iria de encontro à fumaça, mesmo tendo noção dos potenciais riscos que essa decisão o reservara. Seria um dia bem grande para o nosso caro artista.

Ao se aproximar da fumaça, o bardo sardento avistou um enorme pórtico – digno de um grande reino – entretanto, era impossível adentrar por vontade própria. A fumaça vinha de trás da barreira imposta, ademais, Loki desejava tocar no centro desta comunidade inédita para ele, pois sabia que havia muitos espectadores. Tocar para grandes multidões era o maior prazer desse exótico artista. Por obra do destino, um guarda que patrulhava a parte externa do pórtico o avistou, foi até o viajante e interrogou:

– Forasteiro, parece-me um artista, identifique-se e toque uma canção, caso eu aprove, poderá adentrar o reino, caso eu desaprove, será empalado em frente ao pórtico.

Loki havia entendido a mensagem. Compreendia a linguagem utilizada pelo guarda, pois já tinha aprendido o básico dela anteriormente, em algum momento de sua interminável jornada. Ademais, nem temeu a intimidação. Já estava acostumado com abordagens agressivas. Comportando-se como um sujeito calmo que era, apresentou-se como um bardo – “o sardento amaldiçoado” – sobretudo, tocou logo três canções para o guardião do pórtico. O guarda reverenciou a habilidade daquele que

* Acadêmico do quinto período da Graduação em Direito na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Email: pedro.queiroz@ufu.br.

apelidou de “barba ruiva”. Como de costume, Loki havia conquistado sua liberdade de ir e vir — com audácia e musicalidade.

Ao adentrar, Loki ficou indignado com o cenário diante de seus olhos, a desigualdade era evidente na realidade “além-do-pórtico”. Um grande castelo — daqueles robustos, de arquitetura românica — rodeado por pequenos e frágeis casebres. Havia também um centro de terra batida, não havia mais árvores, somente resíduos. A ganância talvez tenha sido o causador do desmatamento dessa área.

O bardo ruivo caminhou até o centro desértico, ao se aproximar, avistou um velho magricela sentado na areia, de aparência melancólica. Rumou até ele, o cumprimentou, após o gesto de respeito, indagou:

— Senhor, o quê acontece por estas terras para tanta desigualdade existir?

O magricela melancólico respondeu:

— Por aqui, o rei é deus, o “deus-rei” supremo, Phomet, uma pena que a misericórdia foi esquecida por parte dessa divindade. Somos escravos de si mesmos, quase nos matamos para pagar tributos que engessam apenas mais camadas de ouro no salão real. Os guardas vivem como nós, só que com algumas fúteis regalias. Há também os sentinelas reais, escolhidos ainda jovens e treinados para serem gladiadores, verdadeiros cães-de-guarda adestrados. Moram nas dependências do castelo do “deus-rei”, assim como fazem os emissários do sacerdócio. Os sacerdotes são parasitas que juram estar salvaguardando nossas almas. Entretanto, falta vida para nossas almas, já que o inferno é nosso dia-a-dia. Tanto os plebeus, quanto os guardas, não reverenciam mais os deuses, pois eles nos largaram à própria sorte. Somos os esquecidos, os amaldiçoados.

Loki ao ouvir o depoimento do velho, sentiu um punhal sendo cravado, lentamente, em seu tórax, tamanha a angústia que experimentara. O artista aflito, apanhou seu instrumento de cordas, respirou fundo e começou a tocar.

Pessoas foram saindo dos casebres, nunca haviam ouvido sequer uma canção na vida. Em pouco tempo, dezenas de pessoas agora rodeavam o bardo sardento. Boquiabertos, fascinados e petrificados com a beleza das notas musicais emanadas pelas cordas de Loki. Os plebeus e os guardas só haviam escutado lendas sobre deuses artistas, quando crianças. Jamais tinham presenciado um ser humano ter tamanho domínio da arte. Estavam todos extasiados, inclusive o “barba ruiva”.

No folclore local, havia o mito de um deus artista chamado Edadrebil — ruivo com um majestoso chapéu — que libertara, certa vez, seus ancestrais de um tirano sinistro. A lenda popular entre os moradores da região “além-do-pórtico”, contava que Edadrebil aglomerara todos seus ancestrais no centro do reino, os convocando com canções que incitavam a ira, a bravura e o frenesi ante às imposições do maligno supremo. O deus artista esquartejaria o tirano dentro do salão real, mas antes o perfuraria com seu instrumento. Todos os humildes assistiriam a cena, esplendorosa para eles. Após o extermínio dos sentinelas reais, que só foi possível pela fulguração criada, em decorrência da música etérea de Edadrebil.

Loki continuava a tocar, rimas de protesto perante à realidade que estava testemunhando. Os moradores da comunidade estavam eufóricos, acreditavam que Edadrebil havia voltado para salvá-los. Dessa forma, iniciaram um brado estrondoso:

— O “deus-rei” não é humilde, os humildes serão reis!

O bardo sardento exteriorizava seu regozijo com a manifestação popular diante de suas canções. Ademais, Loki ainda não compreendia a dimensão de seu ato, nem a magnitude que sua figura tomara, agora visto como um supremo salvador. Anunciavam o retorno de Edadrebil. A notícia sobre a comoção geral chegou à Phomet, por arautos.

Loki nunca havia amontoado tantas pessoas ao seu redor, nem tinha sido recebido com tamanha intensidade. O bardo sardento fechava os olhos e sentia o infinito.

O fulgor parecia perpétuo, todavia, gritos apavorados interromperam tanto o bardo, quanto o espetáculo memorável de Loki. Eram os sentinelas reais que se aproximavam, com sintonia impecável. Os guardas comuns, assim como os plebeus, aglomeraram-se atrás do bardo sardento. O “barba ruiva” — cuja paz interior e autocontrole eram quase intrínsecos a ele — experimentava, agora, um raro momento de assombro. Os sentinelas se ordenaram em uma formação agressiva, estavam prontos para atacar. Após isso, um momento de latência, um silêncio execrável. Até que o comandante dos sentinelas reais — um sujeito que exalava superioridade por seu aspecto quase transcendental — vociferou:

— **Por ordem de Phomet, o “deus-rei”, aqueles que manifestarem apoio ao desordeiro que aqui está, serão punidos em público, mas também, a família de cada apoiador será amaldiçoada e expulsa do reino, após a execução da sentença, que Phomet estatuirá ao traidor que apoiar. Ademais, o “deus-rei” deliberou que o forasteiro rebelde será conduzido para a masmorra, por ter tramado contra à integridade e parcimônia do reino. Portanto, sentinelas reais, prendam-no!**

Loki estava desolado, pois percebera que ninguém mais o apoiava. Foi de encontro aos sentinelas. Sabia que se resistisse, seria massacrado ali mesmo. Contudo, em um último suspiro de intrepidez, protestou:

— Os humildes serão reis! A injustiça é efêmera! Empoderem-se, insurjam! **Uni-vos!**

Após essa declaração, foi amarrado, amordaçado e levado para a masmorra, violentamente, perante todos os humildes.

Não existiam mais deuses, nem valores, senão a necessidade de vingança, por parte dos humildes. Eram, agora, incrédulos com ausência de razões para viver. Derrotados, a única motivação para continuar a viver era honrar o legado — que o bardo sardento deixara. O estopim do levante era iminente, pois tinham mais nada a perder.

Levaram Loki para o cárcere mais lúgubre e profundo da masmorra. Desamordaçaram-no. O “barba ruiva” continuava amarrado, encostado na parede do fundo da cela. Três sentinelas observavam ele, petrificados, isto é, não exprimiam reação alguma. Até que um sentinela exclamou:

— Arruaceiro, ficará aqui até o “deus-rei” decidir seu destino. Por ser benévolo, talvez o deixe escolher como será executado. Por aqui, dizíamos os rebeldes. Entretanto, antes de lhe trucidar, costumamos usufruir da tortura para redimir almas subversivas.

Loki nunca havia se sentido tão desamparado. O chapéu que era um amuleto — engessado de valor sentimental — não estava mais com ele. O bardo sardento perdeu seu acessório predileto durante o aprisionamento truculento que sofrera. Questionava a si mesmo, mentalmente, onde estaria seu instrumento de cordas.

Logo após imaginar seu instrumento de cordas, um quarto sentinela adentrou o cárcere, portando seu “tesouro” mais precioso, o violão rudimentar, em perfeito estado. Loki suspirou aliviado. Todavia, não imaginava a peça que o destino o pregaria.

O quarto sentinela, que acabara de chegar, anunciou:

— Daremos início, agora, ao castigo infundável, que este forasteiro requiere. Veremos se ele possui a mesma resiliência de Eadrebil!

Antes que Loki pudesse conceber a gravidade da situação, o sentinela tratou de desferir um golpe no abdômen do bardo sardento, utilizando-se do instrumento de cordas como arma. O “barba ruiva” prostrou-se extenuado, diante de seu algoz, contudo, o flagelo só havia começado.

Após uma duradoura sessão de tortura ininterrupta — na visão de Loki, interminável

— o instrumento de corda havia sido destruído, só sobraram estilhaços. O “tesouro” mais precioso do bardo tinha se despedaçado. À cada impacto, fragmentos de madeira fundiam ao corpo do artista, ossos eram trincados e rompidos, uma agonia atroz invadia o corpo do falso Edadrebil. Os sentinelas abandonaram Loki — que estava arruinado — na masmorra. Dessa forma, rumaram para suas dependências a fim de descansar.

No outro dia, logo de manhã, um arauto de Phomet foi até o cárcere do bardo sardento, levando água e restos de comida, além de mensagens do supremo. Desamarrou o artista decadente, já que ele não era mais visto como ameaça. Estava tão debilitado, que era inimaginável uma reação violenta, por parte do “barba ruiva”. Enquanto Loki se esforçava para se alimentar, com dificuldades evidentes, devido às lesões que adquirira durante à sessão de tortura, o arauto anunciava:

— O “deus-rei” supremo, Phomet, deliberou que sua execução será pública, amanhã, ao lusco-fusco, no salão real. Todos do reino presenciarão sua decadência, como forma de aviso para aqueles que conservam pensamentos de rebeldia, nunca mais cogitem um levante.

Após o anúncio, o arauto se despediu, com certa aversão pela situação calamitosa de Loki. O bardo sardento exausto, após se alimentar, deitou sobre o chão gélido da cela, olhou para o teto e proferiu:

— **Edadrebil, se você não sou, sem você quem sou? Serei o sol, pois sou quem quero.**

Loki decidiu meditar até que os sentinelas viessem buscá-lo. Além disso, o bardo sardento tinha convicção de que suas aventuras não acabariam ao lusco-fusco do dia seguinte.

O dia seguinte se tornara, agora, hoje. Já era de tarde, quando os sentinelas adentraram a masmorra. Foram até o cárcere do artista aprisionado e alvoroçaram. Loki parecia ter se recuperado de todas as lesões, estava tão pleno e focado, que ninguém atreveria dizer que ele havia sido torturado. Os olhos do bardo sardento exprimiam vigor e potência. Se religiosos testemunhassem, diriam que “o sardento amaldiçoado” experimentara um milagre, quiçá obra de Edadrebil?

Phomet, o supremo “deus-rei”, ordenara a todos os humildes do reino que durante a condução de Loki até o salão real — local da execução — quem fosse visto fora dos casebres seria executado ao lado do bardo sardento. Por isso, não havia sequer um humilde, enquanto o “barba ruiva” rumava até seu possível último horizonte. Os sentinelas reais escoltaram Loki até o local da execução, rapidamente. Ao adentrar, o artista ficou boquiaberto, era um majestoso salão dourado, no centro, havia um trono de madeira, onde se sentaria. À frente do trono havia uma escadaria monumental, ao final dos degraus, um trono de ouro, encrustado de pedras preciosas multicoloridas. Neste trono, estava sentado Phomet.

Os sentinelas reais adentraram no recinto, após eles, entraram os sacerdotes, em seguida os guardas e plebeus. Apesar do salão estar abarrotado, o silêncio era sepulcral. As pessoas circundavam o réu, em uma espécie de limite imaginário a qual ninguém ousava afrontar. Dessa maneira, à qualquer instante, o ritual de execução iniciaria, ante à ordem de Phomet, o supremo “deus-rei”.

Phomet levantou-se, todos prostraram, exceto Loki, que continuara sentado. O “deus-rei” trajava um tradicional robe rubro, eventualmente, portado apenas em sacrifícios e execuções. O silêncio sepulcral não se desfazia, até que o supremo, bestialmente, bradou:

— **Como ousa invadir meus domínios, depravar meus súditos, se autoproclamar**

um deus, insurgir ante à supremacia, incitar um levante e injuriar contra à soberania? És um maldito! Nunca lembrarão de sua feição, muito menos de sua afronta. Será extinto perante à história.

Loki, “o sardento amaldiçoado”, ficou em pé sobre o trono e com o mesmo tom, proferiu:

– Não me venha com falácias! O “deus-rei” é um impostor ardiloso. É tão frágil quanto nós, todavia, é desumano perante os humildes. Não passa de um reles tirano, ilegítimo e de caráter embusteiro. O povo, o qual chama de súdito deveria ser seu soberano. A partir de hoje, não existirá mais submissão, senão consentimento. Os tributos retornarão em serviços para os humildes. Todos terão garantias, liberdades, direitos e deveres. O ouro mesmo tão enrijecido, hoje, derreterá. Não há mais espaço neste salão. Esvaziaremos ele de opressão. Expurgaremos cada estilhaço deixado pelo seu legado traiçoeiro. Fragmentos tão pequenos, quanto as farpas que carrego, de meu instrumento. Fui torturado, discorri que faleceria na masmorra, entretanto, sobrevivi, por vontade, verdadeiramente, transcendental. Ainda tenho canções para serem tocadas. No entanto, Phomet, o último verso que irá contemplar, serei eu, Loki de Edadrebil, quem declamará.

Os humildes, agora, eram um só exército, em frenesi absoluto. Após a declaração de Loki de Edadrebil, o estopim enfim sucedeu. Cada sofrimento que os humildes passaram, transformava-se em fúria e retaliação. Mesmo desarmados, a vantagem numérica estarrecedora impedia a mínima reação dos sentinelas reais. Os sacerdotes eram desfigurados, ao passo que sentinelas eram exterminados. O salão antes dorado, agora ostentava vários tons de grená.

Phomet, testemunhava o desmoronamento de seu reinado, do alto de sua escadaria monumental. Aguardava ser liquidado, enquanto presenciava o desmantelamento de sua transcendência falaz.

Loki de Edadrebil rumou até Phomet, ao chegar no alto da escadaria, o “demônio-rei” prostrou-se diante do bardo sardento e suplicou por misericórdia. Todavia, “o sardento amaldiçoado”, negou ao bradar:

– **Do caos, floresce a ordem!**

O bardo sardento extirpou ambos os olhos de Phomet com as próprias mãos. Após isso, impulsionou o “demônio-rei” escadas abaixo.

A vingança havia acontecido, agora, todos eram livres. Loki de Edadrebil sentia um prazer comparado ao de apresentar canções e ser bem recepcionado. Todavia, o prazer tão efêmero, foi dilacerado com a entrada desesperada de um plebeu no salão real. Mesmo com três flechas cravadas nas costas, ele conseguiu exclamar:

– **O arauto denunciou a situação de nosso reino para os impérios vizinhos! Centenas de guerreiros estão se aprontando, no “além-do-pórtico ” para arruinar nosso levante!**

O plebeu, após anunciar, arrefece. Loki de Edadrebil, no auge da perturbação mental, deita no chão ensanguentado do salão real, feito um lunático e exclama:

– **A paz e a justiça são só ilusões mortíferas.**

Todos caem.

O nada é eterno?